

## BLOGS: DO ESPAÇO-INFORMAÇÃO À INTERFACE CULTURAL

Noeli Batista dos Santos

[noelibatista@gmail.com](mailto:noelibatista@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/6215028548602762>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é compartilhar os sentidos produzidos no processo de interpretação das designações, manifestações e significações do objeto cultural blog, por meio da análise interpretativa dos resumos das dissertações e teses desenvolvidas no contexto das pós-graduações no Brasil, no período de 2005 a 2015. A consulta ao banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD teve como descritor o termo blog e, como filtro de busca, a opção “título”, resultando em um total de 186 respostas. Na análise interpretativa das informações consultadas, os conceitos de *espaço-informação* e *interface cultural* situaram os blogs no contexto da cultura participativa, no sentido metafórico do “espelho de Alice”, em paradoxos de corpos midiáticos.

**Palavras-chave:** Blog; Espaço informação; Interface cultural; Cultura participativa.

Este processo de análise teve por objetivo geral conhecer as pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação do Brasil – em nível de mestrado e doutorado – que abordaram o objeto cultural blog, no período de 2005 a 2015. A consulta ao banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD<sup>1</sup> teve como descritor o termo blog e como filtro de busca a opção “título”. Nesta consulta, 159 dissertações e 27 teses de 30 universidades corresponderam aos critérios indicados. A intenção foi compreender o que são blogs ou o que significam no contexto das pesquisas consultadas, para que novos sentidos possam ser construídos no conjunto destas relações. A primeira análise dos dados indicou o crescimento de pesquisas sobre o tema (Ver Gráfico 1), em especial, no período de 2009 a 2015. A importância destas informações decorre da percepção de que a pesquisa, aqui relatada, poderá despertar novas percepções em variados espaços de discussão.

---

1 Disponível em <<http://bdtd.ibict.br/>>. Último acesso para conferência em 20jul.2016.

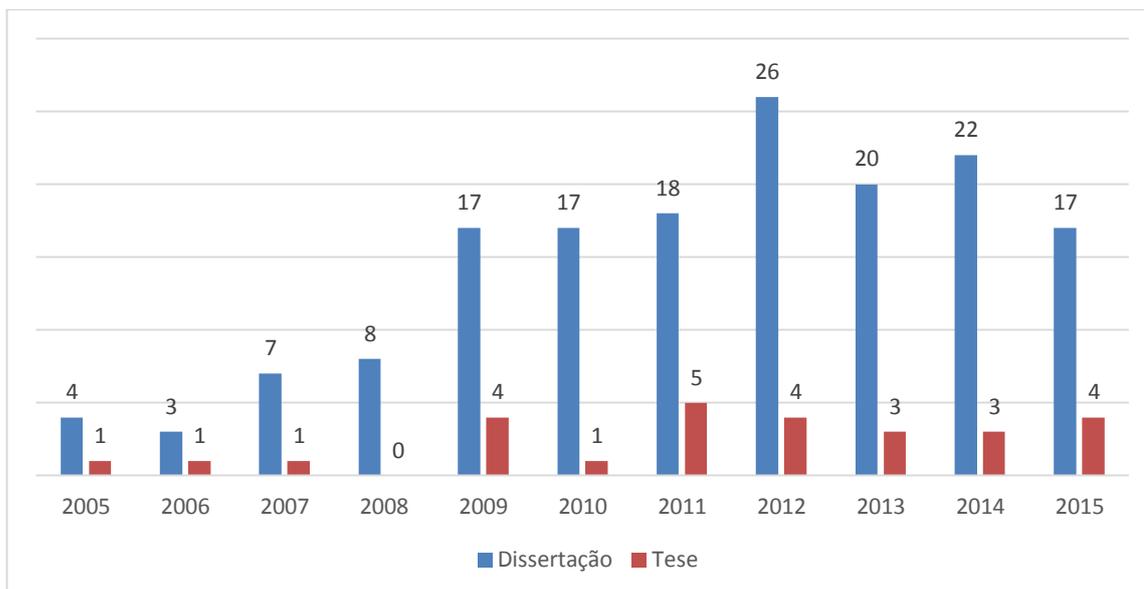


Gráfico 1. Quantitativo de pesquisas sobre o tema blog no período de 2005 a 2015.

## Produção de sentidos

Para interpretar as informações consideradas relevantes, advindas das leituras dos resumos, foi elaborada uma estrutura de registro indicando as designações relacionadas aos blogs, as motivações – no sentido de manifestação – para a realização das pesquisas e, por último as significações atribuídas por seus respectivos pesquisadores. Nos termos de Deleuze (2011), a designação “opera pela associação das próprias palavras com *imagens particulares que devem* ‘representar’ o estado de coisas: entre todas aquelas que são associadas à palavra” (p.13). A manifestação situa-se no campo desejos e das crenças correspondentes a determinada proposição, enquanto as significações estariam relacionadas aos conceitos universais ou gerais. O sentido, segundo o autor, seria o acontecimento – o expresso da proposição. Nesta interpretação não houve o interesse em quantificar a relação manifestação/designação/significação, visto que a abordagem fenomenológica que orientou esta pesquisa está interessada na produção de sentidos decorrentes destas leituras, ou seja, no *expresso*. Desta forma, não foi motivação desta análise quantificar tipos de abordagens, mas sim sob quais acontecimentos a ideia de blog foi deflagrada neste cenário.

Após a identificação das designações e significações seguiu-se o processo de categorização das manifestações, na compreensão de que a significação estaria mediada pelo critério seletivo de causa ou problema de investigação. Ao todo foram criadas três categorias de análise: *conteúdo*, *forma* e *lugar*. Nesta lógica, quando a motivação indicou tipos de discurso, relacionou-se à categoria conteúdo. Quando as motivações indicaram tipos ou formatos de blogs, relacionou-se à categoria forma. A categoria lugar foi indicada como tipo e característica de local para acesso, conforme descrito na *Tabela 1*. Considerando a quantidade de arquivos consultados, observou-se que tanto as designações, quanto as significações repetiram-se em várias pesquisas, de forma que as colunas “designação” e “significação” apresentam a síntese das citações.

Tabela 1. Tabela de interpretação.

Designações	Manifestação	Significação
Alternativo, do ciberespaço, dialógico, digital, educacional, de ensino, escolar, informatizado, de interação, midiático, online, organizacional, social, virtual.	Lugar	Ambiente
Corporativo, de estilo, de mulheres, de personagem, de política, de sujeitos gays, educativo, escolar, esportivo, futebolístico, da internet, jornalístico-político, jornalístico, de moda, pessoal.	Conteúdo	Blog
Digital, de escrita íntima, íntimo, online, pessoal, virtual.	Forma	Diário
Científico, jornalístico, pedagógico, tecnológico.	Conteúdo	Discurso
Comunicacional.	Forma	Dispositivo
Autoral, virtual.	Forma	Escrita
Comunicacional, de aprendizagem, de comentário, de comunicação, de conversação, de projeção, digital, discursivo, eletrônico, inclusivo, informativo, interativo, jornalístico, narrativo, online, para escrita de si, público, representacional, virtual.	Lugar	Espaço
De aprendizagem, contemporâneo, social.	Lugar	Fenômeno
Colaborativa, comunicação, cultural, digital, interativa, da internet, pedagógica, pessoal, para publicação, tecnológica, textual, virtual, da <i>Web 2.0</i> .	Forma	Ferramenta
Ciberjornalístico, digital, discursivo, eletrônico, híbrido, multimídia, performático, textual.	Conteúdo	Gênero
Comunicacional, didático, pedagógico.	Forma	Instrumento
De comunicação, didático, digital, midiático, tecnológico, virtual.	Forma	Meio
Alternativa, digital, não-tradicional, social.	Forma	Mídia
Para publicação pessoal online.	Conteúdo	Modalidade
Empírico, interativo.	Forma	Objeto
Virtual.	Lugar	Página
Comunicacional, digital, tecnológica, virtual.	Lugar	Plataforma
Discursiva, educativa, virtual.	Forma	Prática
Educacional, facilitador, mediador, metodológico, pedagógico,	Forma	Recurso

tecnológico.		
Comunicativa, digital, online, social.	Lugar	Rede
Eletrônico, midiático, pedagógico, virtual.	Lugar	Suporte
Da cultura digital, comunicacional, digital, intelectual, nova.	Forma	Tecnologia
Tecnologia da Informação e Comunicação.	Forma	TIC

A variedade de designações identificadas na análise evidenciou o potencial simbólico dos blogs e a complexidade dos dados culturais gerados por meio deles. Na sequência, foi montada uma *nuvem de tags* para a construção de uma imagem-conceito (Ver Gráfico 2) com a finalidade de visualizar quais os termos de maior destaque no contexto da análise. Na composição da Tabela 1, *virtual* e *digital* foram os termos mais citados e, no Gráfico 2, ganharam destaque em detrimento das demais designações, de maneira que ambas materializaram o mesmo peso e proporção gráfica.



Gráfico 2. Nuvem de Tags – significações atribuídas ao blog.

Para Levy (1996), virtual é o que existe em potência sem a concretização efetiva e formal, mas que tende a atualizar-se. Para ele, o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Negroponte (1995) explica que o digital é o que existe enquanto *bit* (dígito binário), portanto, é informação que pode ser criada, combinada, armazenada, modificada e transportada por meio das tecnologias de informação e comunicação. Segundo ele, *bit* – digital é o contrário do átomo – analógico. Quando Manovich (2001) configura os objetos

culturais no contexto de experimentação das novas mídias, ele confirma a potência virtual e a existência digital que pode ser aplicada aos blogs.

Sua justificativa para o uso do termo *objeto* decorre da compreensão de que este se ajusta à descrição dos princípios gerais das novas mídias, reinserindo-o no que considera ser um contexto laboratorial de experimentações, assim como na vanguarda dos anos vinte<sup>2</sup>. Além do termo objeto, o autor atribui destaque a outros dois termos: linguagem e representação. O primeiro situa a sua pesquisa sobre os novos meios de comunicação em uma perspectiva distinta das atribuídas à sociologia, política e economia, de modo que seus objetivos se alinham às novas convenções, padrões de design recorrentes e às principais formas das novas mídias. Sobre representação o autor diz: “Ao usar este termo, quero invocar a compreensão complexa e matizada do funcionamento dos objetos culturais, tal foram desenvolvidos nas humanidades, nas últimas décadas. Os objetos das novas mídias são objetos culturais” (MANOVICH, p.15, 2001, tradução nossa). Na lógica do autor a linguagem das novas mídias atende a cinco princípios dialógicos. São eles: *representação numérica*, *modularidade*, *automação*, *variabilidade* e *transcodificação cultural*. Este último, indicado como a consequência mais importante da informatização das mídias.

Desta forma, é coerente o destaque dos conceitos *virtual* e *digital* na nuvem de *tags*, uma vez que blogs podem ser interpretados, ao mesmo tempo, como informação virtual e digital midiaticizadas por interfaces culturais. Levy (1996) explica que, “se a execução de um programa informático, puramente lógico, tem a ver com o possível/real, a interação entre humanos e sistemas informáticos tem a ver com a dialética do virtual e do atual” (p. 17), uma vez que para ele o atual em oposição ao virtual responde ao possível. Esta resposta estaria mediada por diferentes modalidades de virtualização. A primeira modalidade indicada pelo autor é a desterritorialização, que por sua vez envolve discussões sobre *não-presença*, reinvenção de uma cultura nômade e redefinições das relações espaço-tempo tradicionais onde o sincrônico substitui o lugar, e a interconexão substitui a unidade de tempo. A segunda modalidade é o que ele

---

2 O autor cita a *Bauhaus* e a escola russa de artes *Vkhutemas* como espaços vanguardistas.

denomina por *efeito moebius*, referindo-se aos trânsitos do interior ao exterior e do exterior ao interior, que no contexto dos blogs pode ser interpretado como o espaço privado e o espaço público. Nesse sentido, interfaces representariam o estado de atualização na mediação de processos de virtualização e digitalização, em um constante devir.

## **Do espaço-informação à interface cultural**

A compreensão de interfaces como *espaço-informação*, lugar virtual no sentido de potência, antecedeu ao digital nas estratégias de virtualização de conteúdo cultural. Jhonson (2001), explica que o poeta grego Simônides foi famoso por sua capacidade de criar *palácios da memória*, por meio da arte mnemônica que, segundo ele, teriam sido os espaços-informação originais, onde “as histórias transformavam-se em arquitetura, conceitos abstratos transformados em expansivas - e meticulosamente decoradas - casas imaginárias” (p.12, tradução nossa), conforme relata Spencer (1986), em seu livro sobre o italiano *Matteo Ricci*, sacerdote jesuíta, que no ano de 1596 em viagem à China teria utilizado esta estratégia para converter os chineses à cultura cristã. A compreensão do palácio da memória como espaço-informação advém, também, da sua dinâmica de virtualização, conforme no trecho que segue.

Quanto ao local onde se deve armazenar uma determinada imagem, Ricci apresenta aos chineses uma série de regras adicionais. O lugar devia ser espaçoso, mas não demasiado cheio de imagens a ponto de uma pessoa se perder entre elas: um gabinete oficial de um magistrado, um mercado movimentado ou uma escola repleta de estudantes seriam todos inadequados. A luz devia ser clara e límpida, mas não brilhante a ponto de ofuscar. Os espaços deviam ser limpos, secos e cobertos para que as imagens não fossem atingidas pela chuva ou pelo orvalho. Deviam ficar ao nível do chão ou logo acima, mas não equilibrados sobre uma viga ou empoleirados sobre o telhado, pois isso os tornaria inacessíveis. O olho mental deveria poder vaguear à vontade entre uma imagem e outra, e assim nunca deviam ter entre si menos de um e mais de dois metros de distância. Deviam ficar numa posição firme, não em atitudes instáveis, suscetíveis a movimentos súbitos – por exemplo, nunca deveriam ficar suspensas de uma roldana ou equilibradas numa roda. (SPENCER, 1986, p. 42)

O que surpreende sobre as orientações de construção deste espaço-informação relatado por Spencer, decorre que se este fosse representado na tela de um computador, Ricci seria o programador e aos chineses – usuários – caberia o protagonismo de inserção de conteúdo simbólico, em uma dinâmica muito parecida com a estrutura e espaços de interação dos blogs contemporâneos. Embora no contexto de *Ricci*, o conteúdo a ser inserido fosse originário no dogma cristão, a significação do *palácio da memória* seria diferente para cada sujeito, pois poderiam no interior dos seus pensamentos inserir suas próprias interpretações, por meio de mensagens verbais, sonoras e visuais.

A medida que a distribuição de todas as formas culturais vai passando pelo computador, vamos entrando cada vez mais na interface com dados predominantemente culturais: textos, fotografias, filmes, música e ambientes virtuais. Em resumo, já não nos comunicamos com um computador, mas sim, com a cultura codificada em forma digital. Emprego o termo interface cultural para descrever uma interface entre o homem, o computador e a cultura: são as maneiras em que os computadores apresentam os dados culturais e nos permitem relacionarmos com eles. (MANOVICH, 2001, p.69-70, tradução nossa)

Neste sentido, *Interface cultural* é o termo utilizado para descrever as interfaces que mediam objetos culturais distribuídos por meio de computadores. O conceito surgiu da análise de três formas culturais – cinema, palavra-impressa e interface gráfica do usuário – que, segundo a Manovich (2001), configurou a aparência e a funcionalidade das interfaces na década de 1990. São exemplos de objetos culturais: CD-ROM, DVD, sites da Web, videogames, entre outros similares, de modo que linguagem e representação configuram a existência desses novos objetos por meio de diferentes interfaces culturais. Ao explicar os diferentes exemplos, o autor se pergunta sobre as motivações que determinam os seus aspectos, tipos de dados e a origem das metáforas que as significam. Para ele, a linguagem das interfaces culturais é elaborada na composição de elementos de formas culturais familiares, conforme indica McLuhan (1964), que “o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veículo” (p.22). Nesse sentido, conforme foi descrito na *Tabela 1*, esta familiaridade citada pode explicar a significação dos blogs como *página* e *diário*, remetendo à objetos da cultura impressa.

Jhonson (2001) credita a Doug Engelbart – por sua demonstração realizada em público no ano de 1968 – o primeiro vislumbre visual de interação com o espaço-informação. Para ele, até então, o problema de toda a informação digital envolvia a sua tradução em linguagem visual, bem como o seu acesso direto<sup>3</sup>. Nesse intervalo temporal, entre a demonstração de Engelbart até a invenção do primeiro blog decorreram três décadas de experimentações, configurando o que Castells (1999) chamou de *Sociedade Informacional* que, segundo ele, seria uma forma específica de organização social em que processar e transmitir informação seriam fundamentais para a produtividade e as condições tecnológicas surgidas nesse período, de modo que a sua principal característica seria a presença nas redes.

### **Espelhos de Alice na cultura participativa**

O primeiro *weblog* – termo original da abreviação blog – foi criado por Jorn Barger no ano de 1997<sup>4</sup>. Intitulado de *Robot Wisdom*, a estrutura consistia em uma interface de visualização vertical em ordem cronológica e decrescente, contendo publicações de textos, imagens fixas e links. O protocolo de acesso era <http://www.robotwisdom.com>. Atualmente, a URL está desativada, mas é possível visualizar algumas cópias no *Internet Archive Wayback Machine*, disponível no link: <http://archive.org/web/>. Da criação da rede *Usenet* no ano de 1979 à *World Wide Web - WWW* em 1990 decorreram duas décadas que, segundo Castells, se inspiraram nos ideais da contracultura. No ano de 1999 foi criada a plataforma *Blogger* e no ano de 2003 a plataforma *Wordpress*, dois espaços pioneiros na popularização do uso dos blogs, visto que a partir delas, estruturas de espaço-informação tornaram-se compartilháveis via rede e disponibilizadas para que sujeitos comuns, não programadores, pudessem transformá-las em interfaces culturais, com a variedade de significações apresentadas na *Tabela 1*. Embora os blogs não sejam

---

3 Jhonson (2001) credita a Engelbart duas invenções revolucionárias: um teclado com sistema de acordes e o *mouse*. Este último, de uso frequente nos computadores contemporâneos e metáfora presente nos dispositivos de sistema *touch* na interação com suas interfaces.

4 O termo blog surgiu em 1999, como criação de Peter Merholz, na separação do termo *weblog* para formar a frase "we log" – nós blogamos.

apenas espaços-informação, ainda o são, na medida em que se tornam, também, interfaces culturais.

Alice assim como *Do outro lado do espelho* tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo, que ela se *torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. (DELEUZE, 2011, p.1)

O paradoxo citado reflete os dois lados do espelho – informacional e cultural – e ambos, na medida em que se contrapõem se complementam. E tal qual o espelho de Alice, os blogs nos convidam a adentrá-los e a vivenciá-los por meio dos acontecimentos, sem que deixemos de existir do lado de fora. É na condição ubíqua e plural da existência em rede, por meio de interfaces culturais, que novos desafios se apresentam, visto que estar dentro ou fora é apenas um dos múltiplos pontos de vista de quem transita na interface refletida do espelho. Jenkins et al. (2009) aponta que no contexto do século XXI é necessário repensar o papel da educação a partir de uma *cultura participativa* que, segundo ele, diferencia-se das noções antigas de pacificidade no uso das mídias, definindo-a como a “cultura em que fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e da circulação de novos conteúdos” (JENKINS, 2009, p.378).

Segundo o autor, esta pode ser compreendida a partir de alguns pontos de análise, entre eles: a redução das barreiras à expressão e engajamento cívico; o apoio a criação e compartilhamento de produções coletivas; dinâmicas de ensino informal em que o conhecimento do mais experiente é repassado para os menos experientes, a crença em ações compartilhadas e no sentido de conexão social. A multiplicidade de sentidos

produzidos por meio dos blogs, nas pesquisas analisadas, indicou a intensidade dos corpos como sujeitos midiáticos, que ao se desterritorializarem adquirem a liberdade fluída para se recompor no paradoxo das questões relativas ao dentro e ao fora do “espelho”, de modo que, enquanto se reinventam nas potências do tempo e do espaço simbólico, redefinem formas de existência, comunicação e associação, também ideológicas, no contexto contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H; et al. **White paper on confronting the challenges of participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. London: Mit Press, 2009. Disponível em <[https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free\\_download/9780262513623\\_Confronting\\_the\\_Challenges.pdf](https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf) > Acesso em 22out.2013.

JOHNSON, S. **Interface culture: how the new technology transforms the way we create and communicate**. New York: Harper Edge, 1997.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge: Mit Press, 2001.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix. 1964.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## SOBRE A AUTORA:

É Licenciada e Bacharel em Artes Visuais (habilitação Design Gráfico). Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é Professora Assistente na Faculdade de Artes Visuais/UFG e doutoranda nos Programas de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Brasília e em Mídia-Arte Digital pela Universidade Aberta de Portugal e Universidade do Algarve. Pesquisa processos de formação docente na confluência entre arte, educação, comunicação e tecnologias; produção de sentidos no âmbito da cultura participativa e traduções de interfaces culturais em mídia-arte.